

TÍTULO: OS ANARQUISTAS E A EDUCAÇÃO - AS ESCOLAS MODERNAS OU RACIONALISTAS

Autoria: Tatiana da Silva Calsavara

Orientadora: Profa. Dra. Carmem Sylvia Vidigal de Moraes

Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação

1. Introdução

Para os libertários, a educação era vista a partir de uma tríplice dimensão que pode ser assim definida: *Educação formal, Educação não formal e Educação informal*. Este trabalho tem como objeto de estudo a rede formada por todas essas práticas da educação anarquista no Brasil, sejam elas formais, informais ou não-formais, especificamente na cidade de São Paulo, desde fins do século XIX até o início da década de vinte do século seguinte.

A proposta libertária para a educação articulava as práticas educativas, fossem elas espontâneas ou planejadas, com outras práticas culturais e de lazer, de caráter popular. Os objetivos deste trabalho consistem em destacar a diversificação do projeto de educação anarquista e articular as práticas adotadas por seus militantes, bem como localizar seus principais referenciais teóricos e estudá-los. Para cumprir com esses objetivos será preciso relacionar aspectos culturais, educativos e literários. Nenhuma destas práticas pode ser entendida isoladamente, elas fazem parte de uma rede daquilo que os anarquistas entendiam por educação.

O levantamento da documentação pertinente a este trabalho está sendo feito através da consulta à Imprensa Operária Anarquista, no Arquivo Edgard Leuenroth, na UNICAMP, em Campinas e no Arquivo Astrojildo Pereira, na UNESP, em São Paulo. Também já está encaminhado o levantamento das obras dos pensadores citados, assim como a seleção dos textos referentes ao tema do projeto. Adotando uma postura dialética frente a esta documentação e á análise bibliográfica, pretendemos trazer à tona as idéias libertárias sobre educação, sua atuação junto à classe operária, as dificuldades encontradas no campo institucional, além de buscar os resíduos, permanências, e por fim, destacar a sua contribuição na História da Educação no Brasil. Como referencial teórico destacamos William Godwin e Francisco Ferrer e Guardiã. Francisco Ferrer, fundador da escola

moderna, foi um grande crítico da escola tradicional. Sua obra foi o principal referencial teórico dos anarquistas que dirigiram e fundaram escolas em São Paulo, no início do século XX. Willian Godwin, ainda em fins do século XVIII, alertava que o ensino público perpetuava os preconceitos e ensinava a submissão. Suas críticas tiveram grande repercussão no anarquismo moderno e foram retomadas por filósofos como Proudhon e Bakunin.

2. Educação Anarquista e Movimento Operário

O mundo anarquista visa a emancipação de todos os seres humanos, governados apenas pela razão. Visa uma sociedade baseada fundamentalmente na liberdade plena, para que o ser humano possa desenvolver todas as suas capacidades e potencialidades. O mundo anarquista, sempre em evolução, será então o resultado das experiências e do trabalho com base no lema: “*Para cada um segundo as suas necessidades e de cada um segundo as suas possibilidades.*”¹ Edgard Rodrigues, grande referência do estudo do anarquismo no Brasil, destaca que o Anarquismo “é uma Nova Ordem Social baseada na liberdade, na qual a produção, o consumo e a **educação** devem satisfazer às necessidades de cada um e de todos”.² A concretização do mundo imaginado e defendido pelos anarquistas dependia de muitos fatores, entre eles destacamos a formação e a educação da grande massa operária, que envolveu os militantes anarquistas em um grande trabalho de educação e propaganda. Por realmente acreditar na Revolução Social e na transformação radical da sociedade, muitos militantes desenvolveram e implantaram diferentes práticas de atuação no espaço público.

Para os libertários, a educação era vista a partir de uma tríplice dimensão que podem ser assim definidas: Educação formal, Educação não formal e Educação informal. Nenhuma delas passava despercebida e todas eram igualmente importantes. A proposta libertária para a educação articulava as práticas educativas, fossem elas espontâneas ou planejadas, com outras práticas culturais e de lazer, de caráter popular. A diversificação do projeto de educação anarquista merece ser destacada. Abarcava, simultaneamente, aspectos culturais, educativos e literários. Desta forma, nenhuma destas práticas pode ser entendida

¹ Este lema foi amplamente divulgado na imprensa operária, nos congressos operários, palestras, conferências, etc.

isoladamente, elas fazem parte de uma rede daquilo que os anarquistas entendiam por educação. Elas permitiram o desenvolvimento de um projeto educativo único na história do Brasil, próprio e autônomo, totalmente independente do Estado e da Igreja, instituições amplamente combatidas pelos anarquistas.

A educação anarquista extrapola totalmente o universo da escola. A escola não era desprezada pelos anarquistas, era entendida como um dos vários meios para educar o indivíduo. Por educação formal entende-se que é aquela realizada na escola, através de conhecimentos sistematizados através de um currículo, com disciplinas estabelecidas e determinada seqüência, e que tem como base um método, no caso das “Escolas Livres”, o método racionalista. A Educação informal abrange todas as formas e possibilidades educativas presentes no cotidiano, constituindo assim, um processo permanente e não organizado. Desta forma, a educação informal está presente nos momentos de greve, na boicotagem, na sabotagem, nas manifestações espontâneas dos trabalhadores, na sua ação dia-a-dia a caminho da revolução social. Já a educação não-formal, caracteriza-se por não fixar tempo e local, é flexível na escolha dos temas, das questões trabalhadas, embora possua uma certa organização e em muitos casos possa levar a uma certificação. A finalidade da educação não-formal não consiste em fornecer certificados, mas fornecer informações, provocar debates e reflexões. A educação não-formal está presente em conferências, palestras e no teatro social.

Este trabalho procura destacar a rede formada por todas essas práticas da educação anarquista no Brasil, sejam elas formais, informais ou não-formais, especificamente na cidade de São Paulo, desde fins do século XIX até o início da década de vinte do século seguinte. O Rio de Janeiro estará muitas vezes presente neste trabalho por centralizar a Confederação Operária Brasileira (COB) e publicar o seu porta-voz: “A Voz do Trabalhador”, que divulgava informações de vários Estados e Capitais brasileiras, inclusive de São Paulo. Muitos militantes libertários circulavam por essas duas cidades, realizando palestras, conferências, excursões de propaganda, etc.

Essas práticas revelam a forte relação existente entre a fundação das Escolas Modernas Racionalistas e o movimento operário. A fundação da Escola Moderna, em São Paulo representa a necessidade de uma educação formal. Por outro lado, as festas,

² Rodrigues, Edgard. Os Libertários. Editores Associados, Rio de Janeiro, 1993. p. 12.

comícios, conferências, manifestações, as fundações das ligas operárias e o grande número de Jornais operários atestam a rede de práticas informais e não-formais que ganham espaço em diferentes lugares, seja no ambiente familiar, na rua ou na associação operária. São experiências riquíssimas que contribuíram significativamente no processo de formação de uma cultura operária com forte influência anarquista.

Os espaços aproveitados pelos anarquistas, visando a Educação Integral, eram muitos. Identificar esses espaços pode nos ajudar a refletir sobre a concepção de educação que procuravam difundir. Qual o conceito de educação para os anarquistas? O que eles entendiam por Educação Integral? Quais as relações que eram estabelecidas com os espaços utilizados para a formação, educação e propaganda? São perguntas pertinentes e, para respondê-las, será preciso buscar informações em um importante órgão de propaganda e formação anarquista: A Imprensa Operária.

A criação de amplos espaços de discussão e de socialização de conhecimentos pelos militantes anarquistas permite, no início do século XX, a presença de um rico debate sobre os acontecimentos mundiais, o movimento operário e as articulações políticas. Todos os momentos e espaços poderiam ser aproveitados como greves, boicotes, conferências, reuniões e comícios, etc.

É interessante destacar até mesmo as indicações bibliográficas feitas pelos militantes anarquistas aos operários. Essas indicações são frequentes na imprensa operária e, sem dúvida, é parte importante do conceito de educação anarquista, objeto de estudo deste trabalho.

O teatro social também desempenhou papel de destaque. Maria Thereza Vargas, grande estudiosa do tema, ressalta que a repressão exercida pela polícia política a partir da década de 30 fez desaparecer a maior parte dos documentos que tornariam possível o conhecimento da atividade teatral anarquista. Porém, mais uma vez, é através da imprensa operária que temos, ainda que poucos, importantes registros sobre a atividade teatral como prática de propaganda e formação anarquista.

3. A Escola Moderna e a Instrução Racional

A educação, segundo a doutrina anarquista, eleva e dignifica o homem, porém, para alcançar tal objetivo a educação deve ser verdadeira, racional e científica.

Já no início do século XX, foram fundadas Escolas Livres, idealizadas segundo a Escola Moderna de Barcelona, de Francisco Ferrer. Sua morte, por fuzilamento em 1909, acabou por acelerar o processo de crescimento de tais escolas no Brasil.

No curto período de sua existência, essas escolas foram duramente perseguidas, tanto pelo Estado quanto pela Igreja por seu caráter subversivo e claramente anticlerical. Foram verificados, quando da fundação da Universidade Popular Livre, no Rio de Janeiro em 1904, nomes como Florentino de Carvalho e Fábio Luz, expoentes na literatura anarquista do Brasil. Em São Paulo, destacam-se os nomes de Adelino Pinho e João Penteado, diretores das Escolas Modernas do Braz e Belenzinho.

Com idéias simples, porém contundentes, os libertários atacaram os fundamentos da ideologia dominante. Para os libertários, a luta pela instrução se inseria no contexto das demais batalhas que se desenrolavam no sentido de recuperar instrumentos de atuação social historicamente monopolizados pelas classes dirigentes. Insistiam na necessidade da educação como instrumento de atuação social. Era necessária instrução para melhor reivindicar, ao mesmo tempo em que era necessário reivindicar para poder estudar mais. A constatação de que a escola funcionava como foco doutrinador a serviço das camadas dirigentes fez com que os libertários redobrassem seus ataques contra o ensino sob controle estatal.

O professor da escola racionalista deveria assim, questionar as grandes verdades apresentadas na escola oficial sem preocupações de qualquer espécie “*e sem olhar as conseqüências*”. A escola racional não deveria esconder nenhuma das verdades demonstradas pela experiência; “*deve facilitar os meios para que os conhecimentos mais essenciais a fim de que eles próprios criem a sua educação.*”³

Para que a educação libertária se realizasse a fim de cumprir os objetivos traçados pelo movimento, os anarco-sindicalistas se propunham a pesquisar os métodos de educação e de ensino, apropriados à psicologia da criança buscando atingir os melhores resultados. Também se propunham a produzir material pedagógico adequado à proposta de educação da escola racionalista.

Em fins de 1918, foi publicado o primeiro Boletim da Escola Moderna, após inúmeras dificuldades encontradas pelos seus fundadores, João Penteado e Adelino Pinho.

³ A *Voz do Trabalhador*, 14 de janeiro de 1914. p.2.

Instaladas no Brás e no Belenzinho elas deveriam atender aos filhos de operários, operários analfabetos e ainda aqueles que quisessem ter aulas de datilografia, português e aritmética.

Uma publicação produzida por alunos da Escola, *O Início*, precedeu o *Boletim*. Ambos não puderam ser publicados simultaneamente devido à falta de recursos. O *Boletim* traz uma homenagem à Francisco Ferrer, lembrando a sua grande influência na fundação das escolas. Traz ainda informações preciosas, como os nomes dos alunos matriculados na Escola Moderna No. 1, dirigida por João Penteadó.

O Início, segundo informações encontradas no *Boletim*, era uma publicação de alunos da Escola Moderna do Braz, que tinha por objetivo “*exercitar os alunos na imprensa, a fim de se habilitarem para a luta do pensamento na sua cooperação para o progresso moral e intelectual da Humanidade*”.⁴

O *Boletim* também traz textos que avaliavam o movimento da Escola. Esses textos revelam as freqüentes preocupações, ocorridas durante o período letivo, com as dificuldades econômicas e a falta de recursos. Explicam os atrasos nas publicações do *Boletim* e informam que além das aulas normais e dos cursos especiais, a Escola passaria a organizar conferências científicas.

O *Boletim* não traz registros formais das práticas utilizadas nas Escolas Modernas do Braz e do Belenzinho. Através dos artigos publicados na Imprensa Operária acerca das questões que envolvem a educação racional, e dos poucos números do *Boletim*, e também através de artigos, podemos levantar algumas informações sobre as práticas escolares dessas instituições. Eram escolas mistas, sem exames, sem promoções, sem castigos ostensivos, combinando um currículo convencional com a difusão dos princípios anarquistas. Seus fins e objetivos podem ser resumidos em três itens principais: 1) Libertar a criança do progressivo envenenamento moral que lhe é transmitido através da educação religiosa ou do governo; 2) Desenvolver junto à inteligência a formação do caráter, apoiando toda a concepção moral sobre o valor da solidariedade; 3) Permitir que o professor trabalhe com autonomia e dinamismo não escondendo verdades científicas e não falseando a história. Essa concepção tem como base, a experiência vivida pela Escola Moderna de Barcelona: co-educação de ambos os sexos; co-educação das classes sociais; cuidados com a higiene escolar, pois a falta de higiene poderia causar doenças e epidemias;

⁴ *Boletim da Escola Moderna* – n. 1. 1918 – SP. p. 4.

utilização de jogos que despertassem a curiosidade da criança sobre o mundo a sua volta, além de desenvolver habilidades físicas e motoras. Não haveria prêmios ou castigos, nem exames e provas. O castigo era visto como prática irracional. Os educadores deveriam demonstrar amor pelo seu trabalho sem agir através de sanções arbitrárias e autoritárias. As sanções naturais deveriam ser colocadas em evidência. Deveria ser evitada a noção do “bom aluno”, assim como a comparação entre alunos. A diversidade presente entre os alunos deveria ser destacada, como positiva e enriquecedora, na troca de experiências e vivências entre eles. A biblioteca também tinha um papel importantíssimo. No Boletim da Escola Moderna de Barcelona, e em diversos periódicos políticos foram anunciados concursos para a adoção e publicação de livros para o ensino racional. O Boletim também orientava os professores sobre as obras que deveriam ser trabalhadas com os alunos. Esse modelo foi utilizado por educadores como João Penteadó e Adelino Pinho na tarefa de organizar a Escola Moderna em São Paulo, acreditando ser o mais adequado no processo de transformação da sociedade.

Para garantir a formação desta criança em um indivíduo autônomo e capaz de atuar na coletividade a educação anarquista pretendia ser integral, deixando de lado os limites entre trabalho manual e intelectual. Essa separação era tida como fruto de preconceitos da sociedade capitalista. A educação integral levaria o conhecimento a todos, sem distinções, impedindo que este fosse utilizado como instrumento de poder.

Infelizmente, existem poucas informações sobre o funcionamento das escolas racionalistas o que acaba dificultando qualquer afirmação ou conhecimento mais profundo destas práticas pedagógicas. Ao consultar a imprensa operária e selecionar artigos que trazem informações sobre as escolas do Braz e do Belenzinho, conseguimos obter algumas poucas e esparsas informações sobre os cursos e de que forma estavam divididos: primário, médio e adiantado. A distribuição das disciplinas sofria alterações em cada curso. As situações de aprendizagem, segundo a imprensa operária, eram diversas e os professores deveriam estar atentos para reconhecê-las.

4. Conclusão

Os libertários, através da criação de inúmeros métodos de ação acabaram contribuindo de forma muito significativa para a criação de uma cultura operária. A sua preocupação com a difusão da teoria anarquista gerou experiências únicas na história do movimento operário brasileiro e também, na forma de repensar a educação da classe trabalhadora. O modelo educacional, implantado nas Escolas Modernas, coloca em questão as práticas pedagógicas oficialmente aceitas e difundidas pelo Estado e pela Igreja, abrindo um campo de reflexão acerca de uma educação mais justa e solidária, no processo de formação de um indivíduo criativo, autônomo e livre. Tanto as práticas formais quanto as informais e não-formais, desenvolvidas pelo movimento libertário, merecem ser revistas e repensadas com vistas a entender, através delas, a complexidade de uma educação voltada para a formação integral do indivíduo, atuante e capaz de transformar a sua própria realidade e a realidade da sociedade em que vive.

5. Bibliografia

BRUNO, Lúcia

- *O que é Autonomia Operária*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARONE, Edgard

- *Alvorada Operária – Rio de Janeiro*. Mundo Livre, 1979.
- *Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1984.
- *Socialismo e Anarquismo no Início do Século*. Petrópolis: Vozes, 1966.
- *Socialismo e Sindicalismo no Brasil (1657-1913)*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969.

CERTEAU, Michel.

- *A Escrita da História*. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 1982.
- *A Invenção do Cotidiano. 1. Artes de Fazer*. 5ª edição, ed. Vozes. Petrópolis, 2000.

FAUSTO, Boris.

- *O Brasil Republicano. 2. Sociedade e Instituições (1889-1930)* O Brasil Republicano. Bertrand Brasil. , 1997.

FERREIRA, Maria Nazareth

- *A Imprensa Operária no Brasil (1880 – 1920)*. Petrópolis: Vozes, 1980.

- FREITAS, Marco Cezar. (Org.)
 - *Historiografia Brasileira em Perspectivas*. São Paulo: Contexto, 1998.
- GIGLIO, Célia Maria Benedicto
 - *A Voz do Trabalhador. Sementes para uma Nova Sociedade*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação.
- GHIRALDELLI Jr., Paulo.
 - *Educação e Movimento Operário*. Cortez Ed. 1987.
- GUARDIA, Francisco Ferrer.
 - *La Escuela Moderna*. Tusquets Editor. 3ª. Ed. Barcelona, 1978.
- LUIZETTO, Flávio.
 - *Utopias Anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MAGNANI, Silvia Lang.
 - *O Movimento Anarquista em São Paulo*. (1906-1917). Ed. Brasiliense.
- MALATESTA, Eric
 - *Escritos Revolucionários*. Novos Tempos, 1989.
- RAGO, Margareth.
 - *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar – Brasil 1890-1930*. 3ª. edição, Paz e Terra, 1997.
- RODRIGUES, Edgard
 - *Os Libertários – Idéias e Experiências Anarquistas*. Editora Vozes. Petrópolis, 1987.
- *ABC do Anarquismo*. Lisboa: Assírio e Alvin, 1976.
- *Nacionalismo e Cultura Social. 1913-1922*. Laemmert – Rio de Janeiro.
- *Novos Rumos. História do Movimento Operário e das lutas sociais no Brasil – 1922/1946*. Mundo Livre.
- *Alvorada Operária*. Ed. Mundo Livre. 1979.
- TELLES, Jover.
 - *O Movimento Sindical no Brasil*. 2ª. Edição – Livraria editora Ciências Humanas, São Paulo, 1981.
- VARGAS, M. Teresa & LIMA, M. Alves.
 - *Teatro Operário em São Paulo*. São Paulo, IDART, 1977.

VASCO, Neno.

- *Concepção Anarquista de Sindicalismo*. Edições afrontamento, 1984.

VIDAL, Diana Gonçalves.

- *Práticas de Leitura na escola brasileira dos anos 1920 e 1930*. in: *Modos e Formas de escrever. Estudos de História da Leitura e da Escrita no Brasil*. Org. Luciano Mendes de Faria Filho. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

WOODCOOCK, George.

- *Os Grandes Escritos Anarquistas*. Ed. LPM, São Paulo, 1986.
- *Anarquismo – Uma História das Idéias e Movimentos Libertários*. LPM. s/d.

6. Periódicos

- Boletim da Escola Moderna. São Paulo. N.º 1 (1918); N.º 2, 3 e 4 (1919)
- A Guerra Social. Rio de Janeiro. (1911/1913)
- A Lanterna. São Paulo. (1910/1913)
- A Plebe. São Paulo. (1917/1920)
- A Rebelião. São Paulo. (1913/1914)
- A Voz do Trabalhador. Rio de Janeiro. (1912/1915).